

**AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA:
O LIVRO DIDÁTICO EM QUESTÃO**

Vyvian França Souza Gomes Muniz
vyvi46@hotmail.com

Sonia Maria da Fonseca Souza
sonifon1@hotmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano
joaneiff@gmail.com

RESUMO

Este estudo tematiza a abordagem dos livros didáticos quanto ao item "expressões idiomáticas". O principal objetivo desta pesquisa foi analisar de que modo os livros didáticos, do 3º ano do ensino médio da rede pública no estado do Rio de Janeiro, trazem as expressões idiomáticas no conteúdo que expõem. A linha metodológica norteadora deste estudo é de base qualitativa, fundamentada exclusivamente na pesquisa bibliográfica. Em uma segunda etapa, realiza-se a investigação do objeto de estudo: as edições *Way to go!* (Editora Ática, 2014) *Alive High* (Edições SM Ltda., 2013) e *High Up* (Editora Macmillan, 2013). Pretendemos, assim, estimular nos alunos e nos professores variadas ações que conduzam ao desenvolvimento da pesquisa e da inovação, contribuindo, dessa forma, para a formação e qualificação de recursos metodológicos que venham a atuar nesta importante área específica de atuação - a pesquisa. Entendemos que este estudo teórico possa despertar o desejo do aprofundamento de questões ligadas ao aprendizado e emprego da língua inglesa.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas. Livro didático. Metodologia.

1. Introdução

Há algumas décadas, a globalização vem ocasionando uma maior proximidade, um maior contato entre as sociedades e os indivíduos e, em consequência, surge uma vasta necessidade de entendimento entre essas sociedades. Esse diálogo entre os povos só se consumou por meio do uso de um mecanismo de comunicação por excelência, um tipo de língua franca ou uma língua global, cujo papel vem sendo desempenhado há relativamente bastante tempo pela língua inglesa.

Nesse contexto, o conhecimento das expressões idiomáticas é importante para a ampliação da competência lexical do aluno e para manter viva a tradição cultural de uma língua, neste caso a língua inglesa. Esta pesquisa justifica-se por proporcionar subsídios para o reconhecimento das expressões idiomáticas apresentadas nos livros didáticos e que, possivelmente, serão trabalhadas pelo professor. Sob esse fundamento traça-se, para este trabalho, a seguinte questão-problema norteadora de toda a pesquisa: de que forma os livros didáticos em língua inglesa, do 3º ano do ensino médio da rede pública, tratam as expressões idiomáticas?

Da procura de respostas pertinentes a essa questão emergiu este objetivo geral: analisar de que modo os livros didáticos, do 3º ano do ensino médio da rede pública, trazem as expressões idiomáticas no conteúdo que expõem. Nesse empenho, alcançar alguns objetivos específicos se faz necessário, a saber: delinear o campo de estudo da fraseologia; definir expressão idiomática; tecer considerações sobre o livro didático (LD) e, por fim, avaliar o material didático, rastreando as expressões idiomáticas nele presentes.

Ressalta-se que os estudos especificamente das expressões idiomáticas (EI) do inglês sempre tiveram um papel secundário. Além disso, não existem muitos de estudos teóricos e práticos no campo da fraseologia e, por esta razão, o tema das expressões idiomáticas ainda não foi tratado com a devida profundidade no ensino das Línguas estrangeiras. O tema deste trabalho, portanto, não é recorrente, por isso terá muito a contribuir para um melhor entendimento de como funcionam essas expressões dentro de uma visão mais ampla no processo de ensino-aprendizagem do inglês como um todo.

Trata-se de uma pesquisa de base bibliográfica, cujos teóricos de maior contribuição para a produção deste texto foram María Luisa Ortíz Alvarez (2000), Cláudia Maria Xatara (1995), Antônio Augusto Gomes Batista e Roxane Rojo (2005), Antônio Augusto Gomes Batista, Roxane Rojo e Nora Cabrera Zúñiga (2005) dentre outros.

A linha metodológica norteadora deste estudo é de base qualitativa, fundamentada, exclusivamente na pesquisa bibliográfica. Para tal fim, selecionamos o material pertinente ao assunto em questão, utilizando livros didáticos do 3º ano do ensino médio da rede pública no noroeste fluminense do estado Rio de Janeiro, os quais foram analisados e fichados para facilitar a elaboração da redação.

O desenvolvimento deste artigo apresenta na primeira seção, um

delineamento do campo de estudo da fraseologia, em seguida um conteúdo esclarecedor da definição de expressões idiomáticas, apresentado na segunda seção. Na terceira seção, faz-se um retrospecto conciso da condição do livro didático ao longo dos últimos anos. Logo após, parte-se para a análise do material didático, isto é, o modo de sua abordagem; por último, as conclusões.

2. A fraseologia como campo de estudo

De acordo com Daniel Molina García (2006), o estudo dos fraseologismos é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, pois elas refletem o modo como o discurso funciona. O autor destaca ainda que dominar esta parte do léxico da língua que se pretende aprender é algo essencial para que a comunicação ocorra de forma efetiva e expressiva.

Tomemos como referência o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), o qual define fraseologia como estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua; frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal; frase feita, expressão idiomática (*p.ex., fazer uma tempestade num copo de água*), ligadas às áreas da gramática, lexicologia/lexicografia e linguística.

É importante destacar algumas definições, realçando a opinião de diversos autores. Começaremos por referir a definição de Alberto Zuluaga Ospina (1980) que muito contribuiu para o entendimento dos aspectos caracterizadores da fraseologia. Para ele a fraseologia designa “tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos, como a ciência que a estuda”. (ZULUAGA OSPINA, 1980, p. 226)

Isabel González-Rey (2007, p. 5) define como “[...] expressões fixas preexistentes ao discurso livre, consideradas geralmente como elementos do léxico, e que passam frequentemente despercebidas aos olhos do locutor nativo e que são rapidamente percebidas pelos estudantes estrangeiros”. Já para María Luisa Ortíz Alvarez (2000, p. 73) é “[...] combinação de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”.

Já María Eugenia Olimpio de Oliveira Silva (2010, p.1) define fraseologia como

disciplina linguística que tem por objeto de estudo certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente sob o termo unidades fraseológicas, ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado, entre outras características.

Sendo a fraseologia uma disciplina linguística moderna que se ocupa do estudo pormenorizado das combinações mais ou menos fixas de uma dada língua, pode-se dizer, então, que ela representa um domínio de estudos muito extenso. Vale mencionar a crítica feita por María Luisa Ortíz Alvarez (1998, p. 1) quando ressalta que:

O termo fraseologia tem sido utilizado como noção genérica que integraria os coloquialismos e os idiotismos, ou seja, as expressões idiomáticas, os provérbios, as frases feitas, os refrãos, e os ditos populares, sem que seja estabelecida nenhuma diferenciação entre estes lexemas nem nada que nos permita discernir qualquer propriedade linguística específica, quer a nível semântico, quer a nível sintático.

O conceito de fraseologia é questionável, é o campo do saber que se preocupa com os estudos dos fenômenos fraseológicos, os quais dão conta dos aspectos socioculturais existentes em uma dada comunidade ou das unidades fraseológicas de uma língua. Por unidades fraseológicas destacamos as combinações fixas que podem apresentar a função e/ou o significado de palavras individuais. Estudá-los é uma forma de entender “as situações que motivam seu uso”. (ORTÍZ ÁLVAREZ, 2012, p. 12)

Vale lembrar que ter conhecimento das unidades fraseológicas, parte integrante da cultura da língua-alvo, é um fator que pode contribuir na construção da competência comunicativa do aprendiz. A ascensão da fraseologia como disciplina científica autônoma e o estabelecimento de relações cada vez mais estreitas com o ensino-aprendizagem de línguas cria inegavelmente um canal de comunicação direto com a linguística aplicada.

Assim, a aprendizagem das unidades fraseológicas como objeto de estudo da fraseologia em línguas estrangeiras pode contribuir de maneira expressiva no desenvolvimento da competência comunicativa, objetivo principal a ser alcançado no ambiente de sala de aula. E, dentre os diversos tipos de unidades fraseológicas, destacam-se as expressões idiomáticas, objeto de estudo desta pesquisa. Acreditamos que essas expressões possam ser abordadas em áreas interdisciplinares, devido ao fato de serem construídas linguística, cultural e socialmente, refletindo a dinamicidade e riqueza da língua.

3. As expressões idiomáticas em língua estrangeira

O inglês possui gírias, jargões e expressões idiomáticas. Idiomático vem do grego ‘*idiomatikós*’ e significa ‘próprio de um idioma’ daí: expressão idiomática. As expressões idiomáticas se dão da cultura de uma nação e da vida do dia a dia – contexto formal e informal. São aplicadas tanto na modalidade falada quanto na escrita. Vale ressaltar que, com frequência, apresentam-se como um aspecto dificultador para o aprendizado da língua inglesa, conforme descrito:

A língua inglesa possui algumas armadilhas para quem não a fala como língua materna, dentre elas estão as *Expressões Idiomáticas (Idioms)*, que são figuras de linguagem onde um termo ou a frase assume um significado diferente do que as palavras teriam isoladamente. Assim, não basta saber o significado das palavras que formam a frase, é preciso olhar para todo o grupo de palavras que constitui a expressão para entender o seu significado. (GRUPO VIRTUOUS, 2014, p. 1).

Como pudemos observar no capítulo anterior, as expressões idiomáticas incluem-se na terminologia de unidade fraseológica. Para melhor explicá-las, buscamos algumas definições de autores diferentes.

Cláudia Maria Xatara sublinha que, em detrimento de uma falta de um acervo lexical apropriado para expressar algumas sutilezas de sentidos, “o falante lança mão de combinatórias inusitadas, ou seja, originais, buscando um efeito de sentido. Congelando-se e difundindo-se pela comunidade dos falantes, tais combinatórias originam expressões idiomáticas. (XATARA, 1995, p. 1)

É importante destacar que as expressões idiomáticas, normalmente, são formadas por mais de um vocábulo e apresentam enunciados expressivos com sentidos, muitas vezes, bem diferentes do léxico das palavras utilizadas individualmente. De acordo com Tagnin (1989, p. 9) as expressões idiomáticas são como “o jeito que a gente diz”. A autora menciona ainda dois aspectos de usos de expressões: as convencionais e as idiomáticas. As idiomáticas são estruturas cujo sentido não possui previsibilidade, dessa forma não podem ser entendidas como o significado de cada elemento que a compõe. Eis alguns exemplos extraídos dos livros pesquisados: trabalhar como escravo (*slaving away*), ter muito trabalho pela frente (*have a lot on your plate*), comparar preços (*shop around*), estar loucamente apaixonado por alguém ou estar de quatro por alguém (*To fall head over heels in love*) entre outros. No caso das convencionais, estas são de uso já cristalizado, são estruturas consagradas, são oriundas de um costume, por isso é denominada de convenção social,

por possuir sentido claro e literal, tais como *Feliz natal, doce ilusão*. Tagnin ressalta que quando uma expressão passa da convencionalidade para o nível do significado caminha-se pelo campo da idiomaticidade. Neste caso,

dizemos que uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. Assim, bater as botas, não significa “dar pancadas com calçado que envolve o pé e parte da perna”, mas quer dizer “morrer”. (TAGNIN, 2013, p. 13)

Vale enfatizar assim, que, de acordo com Tagnin (2013, p. 22), idiomático é usado no sentido de “não transparente” ou “opaco”; diferente do sentido, segundo a teórica, em geral empregado em português, de “referente ou próprio de um idioma”.

De acordo com David Crystal (1997) e David Burke (2009), as expressões idiomáticas são pequenas estruturas frasais difíceis de serem entendidas, já que os seus significados, como um todo, são contrários aos significados individuais de cada uma das palavras que compõem essas expressões. Se considerarmos uma palavra individualmente, pode não fazer sentido em termos gramaticais, isto é, a expressão idiomática só tem significado enquanto uma ‘unidade única’. Dessa forma, qualquer substituição ou alteração na sua estrutura pode motivar uma perda completa do seu significado original.

Paul Stones (2010, p. 76) ressalta que “as expressões idiomáticas têm expressividade e significado numa determinada língua e não podem ser traduzidas palavra por palavra para outra língua”. Como exemplo, podemos mencionar que para traduzir a expressão idiomática inglesa “*turn up*” não basta o indivíduo saber o significado individual de “*turn*” (girar) e “*up*” (subida). Isto porque a tradução correta dessa expressão para o português seria simplesmente ‘chegar’ e não ‘girar subida’, como poderia parecer à primeira vista para o aluno tradutor menos prevenido. Dentro desta perspectiva, o adágio popular em inglês “*where there’s a will there’s a way*” significa tão somente ‘querer é poder’, embora a pessoa pouco familiarizada e com limites em relação à língua inglesa pudesse não hesitar em traduzir tal expressão palavra por palavra, obtendo-se, como resultado, uma expressão que faria pouco ou nenhum sentido em português do tipo ‘onde há uma vontade, há um caminho’.

Para Hockett citado por Alberto Zuluaga Ospina (1980), toda forma gramatical cujo sentido não se possa inferir a partir de sua estrutura é uma expressão idiomática. Já Mário Vilela (2002, p. 190) define de

maneira simples como:

[...] a sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, isto é, não é possível a tradução palavra por palavra, sem que essa expressão não tenha qualquer restrição, nem no plano sintático nem no plano semântico (o sentido não é composicional, não é transparente, mas sim opaco). A tradição aproxima o conceito de *expressão idiomática* do conceito de *giros* a que se atribui sobretudo o valor de expressões próprias de cada língua e que têm de ser aprendidas de cor [...].

A partir das definições apresentadas e no sentido de alcançar os objetivos deste artigo, a definição de expressões idiomáticas aqui empregada será: uma estrutura sintagmática complexa, cujo sentido é entendido por intermédio da unidade completa (e não dos lexemas isolados que a compõem) e do contexto cultural e geográfico. As expressões idiomáticas podem ter sentido metafórico e em sua maioria não fazem sentido se tentarmos compreender palavra por palavra isoladamente. Vale ressaltar que devemos entender a combinação de palavras, pois assim ganharão um novo sentido ao se unirem. Ademais, as expressões idiomáticas nem sempre serão indecomponíveis, uma vez que observamos ser possível substituímos uma palavra da expressão idiomática e ela não perder o sentido idiomático, contudo, se quando essa substituição for realizada a expressão perder o sentido idiomático, ela deixará de ser uma expressão idiomática.

Antes de analisarmos a abordagem pedagógica destinada às expressões idiomáticas, em específico no contexto do livro didático, convém realizar algumas exposições sobre esse recurso didático.

4. *Breves considerações sobre o livro didático: transcurso histórico, tipologia e método de análise*

O livro didático precisa, de antemão, ser entendido a partir da concepção sócio-histórica das práticas educativas que o permeiam. Para tanto, nesta seção, discorre-se, brevemente, acerca de seu transcurso histórico, verificam-se as classificações quanto aos tipos de livro escolar e se expõe considerações importantes sobre os critérios eleitos para análise das abordagens metodológicas seguidas pelo livro didático.

Pela história do livro didático perpassam momentos de protagonismo exclusivo, enquanto método didático; de retalhamento, quando usado como única opção no ensino; e de abandono, diante de recursos emergentes. Conforme Antônio Augusto Gomes Batista; Roxane Rojo e

Nora Cabrera Zúñiga (2005), devido à limitação de acesso à cultura escrita no Brasil proveniente de uma parcimônia na distribuição de livros no país, o livro didático apresenta-se como a única forma de contato à cultura letrada por parte de boa parcela da população. Nesse contexto, vê-se sua singularidade como material didático e como bem cultural.

Assim, convém, de início, verificar o que se pode entender por livro didático. Segundo a sistematização de Choppin (1992, *apud* BATISTA & ROJO, 2005), os livros didáticos se encaixam na categoria de livros escolares, ao lado dos livros paradigmáticos ou paraescolares, dos livros de referência e das edições escolares de clássicos, organizados mediante o critério da função no processo de ensino-aprendizado. Nessa acepção, definem que

Os manuais ou livros didáticos, quer dizer, “utilitários da sala de aula” [...], obras produzidas com o objetivo de auxiliar no ensino de uma determinada disciplina, por meio da apresentação de um conjunto extenso de conteúdos do currículo, de acordo com uma progressão, sob a forma de unidades ou lições, e por meio de uma organização que favorece tanto usos coletivos (em sala de aula), quanto individuais (em casa ou em sala de aula). (BATISTA & ROJO, 2005, p. 15)

Para defini-lo mediante sua função, na tentativa de especificar as funcionalidades do livro didático no contexto do ensino, Márcio Luiz Corrêa Vilaça (2009, p. 7) retoma Alan Cunningsworth (2015), com vistas a ratificar a tese de multiplicidade funcional deste recurso:

Alan Cunningsworth (1995, p. 7) defende que o livro didático tem “múltiplos papéis”:

- Recurso para a apresentação de materiais (falado e escrito)
- Fonte de atividades para prática do aluno e interação comunicativa
- Fonte de referência para os alunos sobre gramática, vocabulário, pronúncia, etc.
- Programa de ensino
- Recursos para uma aprendizagem autodirecionada ou trabalho de auto-acesso
- Suporte para os professores menos experientes que ainda precisam adquirir confiança

De modo mais abrangente, autores, como Brian Tomlinson (2004), consideram tudo aquilo que for usado como auxílio para os alunos durante o aprendizado. Sua finalidade primordial é a aprendizagem discente e, em um segundo plano, sua aplicabilidade em auxiliar o docen-

te.

Sobre a estreita relação entre ensino e aprendizagem, Márcio Luiz Corrêa Vilaça (2009, p. 5), em análise das definições de Brian Tomlinson contrastadas com outros autores, considera que “na definição de Brian Tomlinson (2004f), os materiais seriam instrumentos mais diretamente a serviço dos professores, ao passo que a definição proposta por Salas (2004) indicaria os materiais a serviço tanto de professores e dos alunos.

Pode-se depreender, a partir disso, a necessária mediação do professor na seleção do material de modo a atender as demandas pedagógicas e as suas próprias expectativas. Na visão de Pedro Demo (1993), o professor é o melhor livro didático. Em contrapartida, o próprio autor ressalva a grande perícia requerida na execução das escolhas adequadas, visto que elas “dependem da capacidade do professor, inclusive, do aproveitamento das adequações físicas dos estabelecimentos, do material escolar etc. O único livro didático insubstituível é o próprio professor”. (DEMO, 1993, p. 89)

Cabe ao professor dispor de conhecimento técnico, ainda mais se o seu único amparo metodológico for o livro didático, o que se configura como uma tendência comum no ensino de línguas, segundo Coracini (1999), pois muitos professores restringem sua prática a seguir literalmente as instruções consubstanciadas neste método didático.

Diante desse cenário de possível dependência como metodologia didática, torna-se ainda mais relevante (re)pensar a qualidade teórico-metodológica do livro didático, uma vez que

por apresentar tanto uma seleção de conteúdos quanto uma proposta de transposição didática, os livros didáticos passaram a ser um objeto de especial atenção, dotado de mecanismos específicos para controle de sua produção, escolha e uso para controle, portanto, daquilo que se ensina e do modo pelo qual se ensina, a partir do momento em que o Estado, progressivamente, ao longo do século XIX, se ocupa da instrução, construindo seus sistemas de ensino (BATISTA, ROJO & ZÚÑIGA, 2005, p. 53)

Na busca de desempenhar mais diretamente essa ação de subsídio docente na seleção de material surge o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1997, como ação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF), ambos vinculados ao Ministério da Educação (MEC). Em 2003, como lembram Clecio Bunzen e Márcia Mendonça (2006), amplia-se esse órgão de avaliação sistemática, contemplando o ensino médio, a partir do

Plano Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLEM). Tal fato resulta do alargamento das intervenções do Estado na dinâmica de ensino, segundo as considerações de Clecio Bunzen e Márcia Mendonça (2006) e em ratificações posteriores de Antônio Augusto Gomes Batista; Roxane Rojo e Nora Cabrera Zúñiga (2005, p. 53):

O livro didático está presente cotidianamente na sala de aula e constitui um dos elementos básicos da organização do trabalho docente. A realização da avaliação terminou por resultar numa política do Estado não apenas de intervenção no campo editorial e de controle de sua produção, mas também, por essa via, de intervenção no currículo e de seu controle.

Na concepção dos seus métodos avaliativos, o PNLD recorre a dois critérios básicos de caráter conceitual e político. O aspecto conceitual diz respeito à obra não conter erros, tampouco induzi-los, já o político relaciona-se à ausência de difusão ideológica de preconceitos, discriminação e quaisquer formas de proselitismo.

Especificamente sobre o ensino de língua estrangeira, Rosely Perez Xavier e Everlaine Daluz Weber Urio (2006) resgatam as orientações de Garinger e Bohn sobre os critérios mais adequados para análise do livro didático de língua inglesa e contemplam o item vocabulário nas perspectivas de avaliação desses dois autores. Tal constatação argumenta em favor da revisão da abordagem do tópico “Vocabulário” nos livros didáticos de língua inglesa, em especial quanto a verificação do diálogo com as práticas linguísticas efetivas, facilmente identificadas por intermédio do uso das expressões idiomáticas, fenômenos que, como visto, são amplamente recorrentes durante o processo de interação verbal e possibilitam o (re)conhecimento de questões culturais de determinado grupo social devido à significação que carregam. Logo, estudá-las é uma oportunidade de o aluno ampliar sua competência linguística, mas sobretudo comunicativa e de mundo ao ampliar o olhar sobre a identidade linguística do outro.

5. As expressões idiomáticas nos livros didáticos de língua inglesa

A principal forma de abordagem dos conteúdos em sala de aula pode ser evidenciada através do uso do livro didático como recurso metodológico. Assim, é importante investigar se as expressões idiomáticas são abordadas ao longo do conteúdo programático e como essa inserção é realizada. Para alcançar esse objetivo, esta seção dedica-se à análise pormenorizada de livro didático de língua inglesa, por intermédio de contextualizações iniciais acerca do objeto de estudo, a fim de, em seguida,

realizar as análises.

5.1. Apresentação do objeto de estudo

O *corpus* deste trabalho delimita-se em três edições de livro didático, recomendadas pelo PNLD (2015) destinadas ao 3º ano do ensino médio, utilizadas em escolas públicas estaduais da região noroeste fluminense. São elas: *Way to go!* (Editora Ática, 2014) *Alive High*, (Edições SM Ltda., 2013) e *High up* (Editora Macmillan, 2013).

Diante da estrutura organizacional dos livros didáticos, com vistas a delimitar o estudo, elegeu-se o item “Vocabulário” para análise, visto que geralmente é nessa parte constituinte que se evidencia a apresentação das expressões idiomáticas.

Na composição dos livros, verifica-se que os autores o dividiram em partes e cada uma delas em unidades que se subdividem em seções. As seções relacionadas a vocabulário são assim denominadas: *Vocabulary corner* (*Alive High*), *Vocabulary study* (*Way to go*) e *Vocabulary* (*High Up*).

5.2. Análise do *corpus*

Pretende-se analisar o *corpus*, mais especificamente o item “Vocabulário”, a partir dos seguintes critérios de análise: (i) quantitativo de abordagem das expressões idiomáticas em contraposição a abordagens meramente metalinguísticas; (ii) conteúdo gramatical ensinado durante a abordagem de vocabulário.

A tabela abaixo refere-se à análise (i) em todas as unidades disponíveis no livro didático em pauta, em que 0 corresponde à ausência de abordagem de expressões idiomáticas.

Livro didático	Número de unidades	Abordagem das EI ⁶¹	Abordagem metalinguística
Way to go!	8	2	6
Alive	8 ⁶²	0	7
High Up	8	1	7

Tabela 1- Quantitativo de abordagem das expressões idiomáticas

⁶¹ Número de ocorrências.

⁶² Das 8 unidades, 03 não possuem o item “Vocabulary” (unid. 01, 02, 07).

É importante destacar que no livro High Up – as expressões idiomáticas não são abordadas na seção vocabulário, mas aparecem na seção *have your say* (p. 104, 12) ratificando o uso das expressões idiomáticas mais na oralidade.

LD	EI	Outra categoria gramatical
Way to go!	Expressões idiomáticas retiradas do texto, categorizadas como “idioms”, provenientes de contextos de uso como shopping (unid. 6), relação amorosa (unid. 8).	Word formation (unit 01, 07); collocations (unit 1); phrasal verbs (unit 2, 4); prepositions (unit 3); noun phrases (unit 5); multi words verbs (unit 2); discourse markers (unit 2, 5,8).
Alive high	Não contempla.	Word formation (unit 4 e 8); suffix (unit 4); Connectors (unit 5); cognate and false cognate (unit 7); Reporting verbs (unit 6).
High up	Expressões Idiomáticas I retiradas do texto, provenientes de contextos de uso de vocabulário ligado à seção em estudo na unidade.	Synonyms (unit 1, 3, 5); proverbs (unit 1); Vocabulary (unit 2); Suffixes, noun phrases (unit 4) Phrasal verbs (unit 6) Vocabulary (unit 7 e 8) Discourse markers (unit 8).

Tabela 2 – Conteúdo gramatical ensinado durante a abordagem de vocabulário.

Dessa análise, pode-se constatar que os livros Way to go 3 e High Up 3 abordam o uso das expressões idiomáticas de maneiras diferentes, inclusive oferecendo poucas oportunidades para que os alunos possam conhecer em quais contextos específicos elas são utilizadas e o Alive High 3 não contempla. E, que infelizmente, essas poucas atividades não nos parecem suficientes para apresentar as Expressões Idiomáticas, especialmente porque os letramentos possuem maior enfoque no ensino formal público do que a oralidade.

Vale mencionar que as expressões idiomáticas contribuem para os aprendentes aprimorarem a sua compreensão oral e escrita, uma vez que, de segundo Lucilema Mendonça Lima e María Luisa Ortiz Alvarez (2011, p. 72) o ensino formal destas expressões traduz-se numa melhoria da expressão oral e escrita, porque depois de aprendidas e memorizadas, "são utilizadas como um bloco linguístico, de uma forma espontânea, agilizando assim a comunicação".

Portanto, torna-se necessário o uso as expressões idiomáticas nas aulas de língua inglesa, já que estas expressões apresentam funções pragmáticas, discursivas, referenciais e comunicativas que tornam o aprendente mais capaz de comunicar numa língua estrangeira.

6. Conclusão

Com a pesquisa destacamos a importância de se estabelecer um diálogo entre as expressões idiomáticas e o ensino da língua inglesa como segunda língua, uma vez que essa relação contribui significativamente à valorização e reconhecimento dessa forma de língua. Vale mencionar que percebemos que as expressões idiomáticas ainda não possuem seu devido lugar no ensino de língua inglesa devido ao preconceito existente em torno dessas expressões por causa de sua forte relação com a oralidade. E mais, podemos observar que essas expressões fornecem informações que nos fazem conhecer uma determinada cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; ROJO, Roxane. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth. (Org.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13-45.

_____; _____. ZÚÑIGA, Nora Cabrera. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2000). In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth. (Org.). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 47-72.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores: introdução dialogada. In: _____. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 11-22.

BURKE, David. *Biz talk: American business slang and jargon*. Berkeley, California: Optima Books, 2008.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

GONZÁLEZ-REY, Isabel. *La didactique du français idiomatique*. Fernelmont: E.M.E., 2007.

GRUPO VIRTUOUS. *Só língua inglesa – Democratizando a educação*, 2014. Disponível em:

<<http://www.solinguainglesa.com.br/conteudo/Expressoes1.php>>. Acesso em: 29-09-2017.

LIMA, Lucilema Mendonça; ORTIZ ÁLVAREZ, María Luisa. O ensino das expressões idiomáticas em língua espanhola e as suas equivalências em língua portuguesa. *Horizontes de Linguística Aplicada*, vol. 10, n. 1, p. 69-89, 2011.

MOLINA GARCÍA, Daniel. *Fraseología bilingüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico*. Granada: Comares, 2006.

OLIVEIRA SILVA, María Eugenia Olimpio de. *Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções*. In: _____. *Uma (re)visão de la teoria y pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes. 2011, p. 161-182

ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. As expressões idiomáticas nas aulas de ELE: um bicho de sete cabeças? In: GONZALEZ REY, Isabel. (Org.). *Les expressions figées en didactique des langues étrangères*. Proximités: E.M.E, 2007, p. 159-179.

_____. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. 2000. Tese (Doutorado em linguística). – Universidade de Campinas, Campinas.

_____. Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura. In: FEYTOR PINTO, Paulo; JÚDICE, Norimar. (Orgs.). *Para acabar de vez com o tratado de Tordesilhas*. Lisboa: Colibri, 2009, p. 101-117.

RIVA, Huéinton Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

STONES, Paul. *The importance of cultures and the process of learning English as a second/foreign language*. New York: Warner Books, 2010.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiller. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. Barueri: Disal, 2013.

_____. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

TOMLINSON, Brian. *Materials development in language teaching*. 7. ed. Cambridge: CUP, 2004.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, vol. 8, n. 30, p. 1-14, jul./set.2009. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/653/538>>. Acesso em: 20-05-2017.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.

XATARA, Cláudia Maria. O resgate das expressões idiomáticas. *Revista Alfa*, São Paulo: UNESP, vol. 39, p. 195-210, 1995.

XAVIER, Rosely Perez; URIO, Everlaine Daluz Weber. O professor de inglês e o livro didático: que relação é essa? *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, vol. 45, n. 1, p. 29-54, jan./jun.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v45n1/a03.pdf>>. Acesso em: 20-05-2017.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt A. M. Bern: Cirencester/U.K.: Lang, 1980.

_____. Terceiro debate. In: RUIBAL, Xesús Ferro. (Coord.). *Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía (1997)*. Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidade, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, 1998, p. 193-200.

_____. La fijación fraseológica. *Thesaurus*, vol. 30, n. 2, p. 225-248, 1975.